



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES**

FRANCISCO WELLINGTON LEITE DA COSTA MOURA

Uma pesquisa por mãos negras: Eduardo de Oliveira e Oliveira, resgate e trajetória
frente a discussão racial da categoria pardo

Redenção - CE

2023

FRANCISCO WELLINGTON LEITE DA COSTA MOURA

Uma pesquisa por mãos negras: Eduardo de Oliveira e Oliveira, resgate epistemológico e trajetória frente a discussão racial da categoria pardo

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão I no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Vera Rodrigues

Redenção - CE

2023

SUMÁRIO

1	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	3
2	TEMA	3
3	DELIMITAÇÃO DO TEMA	3
4	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	4
5	JUSTIFICATIVA.....	4
6	OBJETIVOS	8
6.1	Objetivo geral.....	8
6.2	Objetivos específicos.....	8
7	EMBASAMENTO TEÓRICO.....	9
7.1	Do mulato ao pardo: Uma breve conceitualização.....	9
7.2	E agora...Falamos nós: Eduardo De Oliveira e Oliveira	16
7.3	O pardo/mulato: Um obstáculo epistemológico	21
8	METODOLOGIA	26
9	CRONOGRAMA.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Autor: Francisco Wellington Leite da Costa Moura

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Vera Rodrigues

Área temática: relações raciais no Brasil

2 TEMA

Relações raciais no Brasil.

3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esta pesquisa tem como foco a análise da categoria racial pardo no contexto das relações raciais no Brasil, com base na obra do sociólogo negro Eduardo de Oliveira e Oliveira (1923-1980). Especificamente, examinaremos sua obra: *O Mulato: Um Obstáculo Epistemológico* (1974) e exploraremos sua trajetória intelectual e pessoal em relação à discussão racial. Além disso, este estudo estabelecerá um diálogo intrínseco entre as experiências compartilhadas pelo pesquisador, também sujeito a vivenciar o racismo na sociedade brasileira, e a vivência associada à intitulação da categoria "mulato"¹. Esse diálogo pretende situar as complexas dinâmicas raciais e epistemológicas que permeiam a sociedade brasileira, promovendo uma compreensão mais profunda das experiências e identidades das mãos negras que moldaram e continuam a moldar o panorama racial do país.

¹ O termo 'mulato' deriva do prefixo "mula" (mulus, em latim), referente ao resultado do cruzamento entre cavalo e jumenta ou entre jumento e égua. Essa analogia remonta ao século XVI, onde se originou o termo "mulato", indicando uma associação com o conceito de "híbrido", pessoas nascida da relação entre pessoas brancas e negras. Além do sentido pejorativo é também um termo usado pra fragmentar uma identidade negra (Munanga, 2020).

4 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Neste ano, completam-se 43 anos desde o falecimento do intelectual negro Eduardo de Oliveira e Oliveira. Diante do contexto complexo das relações raciais no Brasil, marcado pela diversidade étnico-racial e pela persistência das desigualdades raciais, a presente pesquisa busca responder à seguinte indagação: Qual a relevância dos estudos do intelectual negro Eduardo de Oliveira e Oliveira na atualidade? E como o texto "O mulato: um obstáculo epistemológico", de Eduardo de Oliveira e Oliveira, pode contribuir para o entendimento e a problematização da categoria racial pardo no Brasil?

Em outras palavras, como a reflexão de Eduardo Oliveira e Oliveira sobre a identidade mulata e sua trajetória pessoal, atravessadas pelas experiências vividas pelo pesquisador podem informar uma compreensão mais aprofundada da complexidade das identidades raciais no contexto brasileiro e das consequências sociais, políticas e epistemológicas associadas a essa categoria?

5 JUSTIFICATIVA

Minha pesquisa justifica-se inicialmente por questionar a forma na qual nomes e histórias de pessoas negras, principalmente daquelas que tanto contribuíram significativamente em suas áreas de atuação, são tão facilmente esquecidas ou mesmo nunca lembradas. Indivíduos que exerceram um papel fundamental na luta por direitos e oportunidades igualitárias para a população negra nunca tiveram sua real representação mediante a sociedade brasileira.

Porém, é inegável que recentemente existe um esforço em trazer a trajetória e produção intelectual de vários autores e autoras negras importantes para discussão racial no Brasil, como bem podemos citar a coleção retratos do Brasil negro², que aborda os feitos de várias figuras negras, dentre essas, aqui destaco as seguintes: a bibliografia escrita por Sandra de Sousa Almada, Abdias Nascimento (2010), e a de Lélia Gonzalez (2010), escrito por Alex Ratts e Flavia Rios. O

² A Coleção Retratos do Brasil Negro, é uma coleção de 9 livros, que traz a bibliografia de figuras negras importante para comunidade negra.

pesquisador Alex Ratts³, ainda foi pioneiro e responsável por organizar e escrever dois principais livros que retrata o ativismo e a volumosa produção acadêmica de Beatriz Nascimento⁴, que são: Uma história feita por mãos negras (2019) e o “Eu sou Atlântica: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento (2007). Essas últimas duas obras do professor Alex Ratts são referência nesse trabalho, no sentido de pensar e escrever sobre essas e esses sujeitos esquecidos.

Ainda podemos verificar a extensa produção acadêmica existente hoje, em torno das discussões a respeito das quais esses e essas autoras se dedicavam e, nas quais são tidas como referência e utilizadas em temas de artigos, dissertações, prefácios ou mesmo capítulos de livros. Indiscutivelmente esses e essas intelectuais contribuíram de forma efetiva na produção intelectual e política a respeito da condição da população negra, numa sociedade racista como a do Brasil. Contudo, se é visto que outros e outras intelectuais⁵, sobretudo da época 1970, não tiveram um certo destaque em estudos posteriores, mesmo que estes e estas tenham sido tão fundamentais quanto estes e estas citadas anteriormente.

Dentre essas muitas personalidades negras notórias aqui do Brasil que estão no vale do esquecimento do imaginário social, está presente a figura de Eduardo de Oliveira e Oliveira⁶, a qual a presente pesquisa se destina. Mas afinal, quem foi Eduardo de Oliveira e Oliveira? “Foi pianista, publicitário, professor, ativista, mas, sobretudo, um sociólogo que se dedicou a estudar a experiência histórica e social afro-brasileira no terceiro quartel do século XX.” (Trapp, 2020, p.10).

Para além da trajetória acadêmica em se, Eduardo de Oliveira e Oliveira teve um desempenho incansável na produção de atividades ao decorrer da década de 1970, a qual Trapp lista:

Organizou exposições sobre o negro no Museu de Arte de São Paulo, em 1973; viajou, entre novembro de 1974 e janeiro de 1975, aos Estados Unidos, aos encargos do Institute of International Education, onde fez pesquisas e várias palestras sobre o tema negro no Brasil; em 1977

³ Professor na Universidade Federal de Goiás (UFG) nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e de pós-graduação em Antropologia.

⁴ Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) foi uma historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres brasileira

⁵ Virginia Bicudo, Alberto Guerreiro Ramos.

⁶ Seu verdadeiro nome era Eduardo de Oliveira. Para se distinguir de outro ativista e intelectual negro da época, o poeta e político paulista Eduardo de Oliveira, o sociólogo passou, a partir dos anos 1970, a usar a alcunha de Eduardo de Oliveira e Oliveira.

organizou o primeiro evento feito por negros na USP, a Quinzena do Negro da USP, do qual participaram vários de seus interlocutores, como Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. No mesmo ano, em conjunto com Beatriz e Clóvis, Eduardo organizou o simpósio “Brasil negro”, na reunião anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, realizada na PUC-SP. (Trapp, 2015, p.5).

A maioria dessas atividades da qual fez parte, tinha como propósito denunciar a experiência da população negra em decorrência do racismo, mas também, tinha como finalidade trazer uma nova ciência, na qual se pautasse uma discussão não sobre o negro, mas sim, para o negro, como protagonistas de suas histórias e agentes produtores de conhecimento, “criatura e criador” (Priolli, 2015).

Eduardo de Oliveira e Oliveira no ano de 1979 ainda atuou como professor de sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), a qual tentou fundar um núcleo de estudos a respeito do negro. Porém, se afastou de suas atividades ainda em 1980, a qual se encontrava em um quadro de transtornos mentais, infelizmente aos seus 57 anos se encontrava morto em seu próprio apartamento no dia 20 de dezembro do mesmo ano em São Paulo.

Mesmo com uma breve apresentação do autor central dessa pesquisa, é visível a notoriedade que este tem para as demais produções intelectuais, culturais e políticas destinada à população negra no Brasil, principalmente entre as décadas 1960-1970, Trapp (2015). Contudo, a produção de trabalhos acerca de Eduardo de Oliveira e Oliveira é escasso, onde o principal nome que estuda sua trajetória e obras é o historiador Rafael Petry Trapp ⁷, a qual destinou sua tese de doutorado intitulado: O elefante negro: Eduardo de Oliveira e Oliveira, raça e pensamento social no Brasil (São Paulo, década de 1970) (2018), posteriormente publicou o artigo chamado: A sociologia Negra de Eduardo de Oliveira e Oliveira (2018), e mais recentemente transformou a sua tese em um livro a qual se destina o mesmo título: O elefante negro: Eduardo de Oliveira e Oliveira, raça e pensamento social no Brasil, (2020).

O próprio Trapp (2018), menciona o baixo quantitativo de pesquisadores e pesquisadoras que se dedica a estudar o intelectual Eduardo de Oliveira e Oliveira,

⁷ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, com mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Licenciatura em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul.

a qual ele cita para além dele, outros quatro, primeiro, Flávio Santiago, escreveu, em 2010, uma monografia de graduação intitulada Potencialidades Pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais em imagens integrantes da Coleção Professor Eduardo de Oliveira e Oliveira, a segunda é a historiadora Monica Grin, que publicou, em 2002, um artigo chamado: Modernidade, identidade e suicídio: o “judeu” Stefan Zweig e o “mulato” Eduardo de Oliveira e Oliveira, e as duas últimas são Maria Cristina Hayashi e Vera Guimarães, autoras do Inventário Analítico da Coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira, publicado em 1984 pela Editora da UFSCAR. Outras menções a Eduardo de Oliveira e Oliveira pode ser encontrado em escritos, como é o exemplo da dedicatória feita pela intelectual negra, Iray Carone: A flama surda de um olhar, publicado no livro Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil (2002), ou no artigo Órbitas sincrônicas: sociólogos e intelectuais negros em São Paulo, anos 1950-1970 (2018), escrito por Mário Augusto e publicado pela revista Social, Antropol.

Por fim, esta pesquisa justifica-se para além do caráter de evidenciar a importância de Eduardo de Oliveira e Oliveira e contribuir no acervo acadêmico escasso sobre o mesmo, ela se compromete propor uma nova perspectiva analítica: Teórica, política e afetiva a partir da construção de mãos negras e pelo atravessamento a qual a figura de Eduardo tem comigo. Pois não convém, ou mesmo posso me isentar do grupo a qual tenho comprometimento em contribuir numa luta antirracista. Pois como Abdias Nascimento:

[...] Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição, ou a distorção da minha personalidade (Nascimento, 2016, p. 47).

Dois sujeitos, que bebem da cena artística e política de tempos diferente, motivados pela chama de uma velha e nova militância negra, e compartilham ainda,

quem sabe, daquilo que Eduardo colocou como um obstáculo no seu tempo, a condição do “mulato”.⁸

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Esta pesquisa objetiva reconhecer a importância epistemológica da obra e da trajetória do sociólogo negro Eduardo de Oliveira e Oliveira, com foco em seu texto "O Mulato: Um Obstáculo Epistemológico" a fim de compreender como seu pensamento podem contribuir na análise da categoria racial "pardo" no Brasil atualmente.

6.2 Objetivos específicos

- Destacar as algumas abordagens teóricas acerca do tema "mestiçagem" no cenário brasileiro;
- Se debruçar sobre obra de Eduardo de Oliveira e Oliveira, "O Mulato: Um Obstáculo Epistemológico"; e
- Analisar como as ideias de Eduardo de Oliveira e Oliveira podem contribuir para o debate acadêmico e público sobre a categoria "pardo" no Brasil, incluindo seu impacto nas políticas públicas e nas discussões sobre a identidade racial.

⁸ O termo aqui mulato foi utilizado para englobar, mestiço, pardo, moreno ou outras conotações que faz menção aos sujeitos fruto de uma relação interracial.

7 EMBASAMENTO TEÓRICO

Por uma questão de preferência metodológica, a estrutura do referencial teórico que será utilizada nesta pesquisa é dividida em três partes fundamentais. Na primeira parte, buscarei apresentar as e os principais autores e autoras que têm desempenhado um papel central no debate sobre as relações raciais no Brasil. Esta abordagem tem como objetivo traçar o contexto histórico e social da formação da figura do "mulato" e, posteriormente, da categoria parda, dentro do quadro mais amplo das relações raciais no país.

Na segunda parte, nossa abordagem se concentra na trajetória de Eduardo de Oliveira, desde o seu nascimento no Rio de Janeiro até sua entrada no ensino superior em São Paulo. Durante esse período, buscaremos destacar as contribuições acadêmicas e culturais de Eduardo, buscando apresentar uma visão abrangente de sua significativa influência. Além disso, pretendemos capturar as percepções e impressões de colegas e contemporâneos que compartilharam a trajetória desse autor, oferecendo uma compreensão mais completa da marca que ele deixou em seus campos de atuação.

Na terceira parte deste referencial teórico, a pesquisa se concentrará diretamente nas ideias e no pensamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira. A principal obra de referência será "O Mulato: Um Obstáculo Epistemológico", que oferece uma perspectiva sobre as questões raciais no Brasil. Adicionalmente, serão consideradas as contribuições de outros e outras autoras que dialogaram com Eduardo de Oliveira e Oliveira e cujos trabalhos complementam a análise da categoria pardo e das relações raciais no país.

7.1 Do mulato ao pardo: Uma breve conceitualização

Mesmo que a noção de raça entre humanos seja inexistente pela própria biologia, nesta pesquisa nos interessa sua utilização na área das ciências sociais, na qual a raça nesse sentido tem o papel de ser "uma categoria social de dominação e de exclusão" (Munanga, 2023). Então ela se torna imprescindível para compreendermos as relações raciais construídas aqui no Brasil.

O conceito de raça, é entendida por Neusa Souza Santos (2021), como um critério social, diretamente ligado a um viés ideológico, responsável por atribuir a determinado grupo uma posição social na estrutura de classe, na qual no Brasil sempre definiu determinado segmento que compartilha da mesma cor de pele e valores simbólicos. Como aponta a seguir a autora:

Nas sociedades de classes multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante. (Santos, 2021, p.48-49).

Conforme citado acima, a autora faz menção a dois grupos em específicos, o branco, que historicamente ocupa e goza de privilégios na sociedade de classe, e o grupo negro, que sofre uma discriminação perante o grupo oposto. Essa relação entre os dois grupos distintos se dá em decorrência de um processo histórico e sociocultural racista na qual o negro foi definido como inferior, como discorre Neusa:

Herança da sociedade escravocrata, a desigualdade racial, que colocava o negro a reboque das populações nacionais, era preservada e reforçada pelo preconceito de cor que funcionava como mantenedor da hegemonia branca nas relações interraciais. (Santos, 2021, p.51).

Isso faz com que, discutir identidade racial e as demais temáticas envolvidas na construção identitária de sujeitos negros e negras é uma questão cerne aos debates raciais no Brasil. Pois, segundo Munanga (2019) a exclusão do indivíduo negro no âmbito político e econômico da sociedade brasileira, é indissociável da discriminação racial sofrida.

O colonizador, para impor sua dominação, foi responsável por racializar o corpo negro colocando este como o “Outro”, desprovido de beleza, cultura, inteligência e alma, para, assim, justificar tanto sua “superioridade” racial, quanto o sistema escravocrata, sustentado pela exploração do trabalho do Negro sequestrado de África. Conforme Munanga explica:

Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham apriori desprezo pelo mundo negro, apesar das riquezas que dele tiravam. A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas sociedades que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas da exploração predispuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. (Munanga, 2019, 24-25)

Com o fim a abolição decretada em 1888, o negro, agora “livre”, se viu diante de uma sociedade que o discriminava racialmente, pois, o colonizador que o designou como subalterno no período escravocrata, o despachou no após-abolição sem qualquer tipo de reparação histórica, social ou monetária. Tendo como consequência as desigualdades sociais e discriminações raciais que a população negra continuou a sofrer.

O negro e seus descendentes agora marcados socialmente, se encontram subjugados em todas as esferas sociais. Com a mudança de paradigma na estrutura do capital global e o avanço da aceleração industrial no Brasil, o trabalho escravizado não era mais bem visto, porém, não foram destinados vagas ou oportunidades para população negra nessa nova estrutura, ocorrendo como revela Azevedo (2004), uma exclusão para com esses sujeitos por não se adequarem ao novo modelo socioeconômico. Munanga (2020) também atenta que o negro era tido como problema pelos intelectuais eugenistas da época, por ser o obstáculo na construção de uma identidade nacional única.

Devida as circunstâncias de exclusão para com o negro, ele enxerga como solução para se inserir socialmente por meio da ascensão econômica, mas para isso passa pelo um processo de negação de sua própria identidade de forma a se assemelhar o mais próximo possível do modelo aceito, no caso endeusado, o sujeito não negro, o branco.

Há, assim, uma tentativa de escape por meio da aproximação com o branco nos seus aspectos culturais, morais, intelectuais e, sobretudo, físico. Afirma Munanga (2019), que isso se dá pela ideologia do branqueamento, arquitetada por intelectuais como Euclides da Cunha, Silvio Romero, Oliveira Viana, Alberto Torres, entre outros que ainda se prendiam ao determinismo biológico do fim do século XIX, viam na ideologia do embranquecimento da população negra - tanto fisicamente, psicologicamente e culturalmente - por intermédio do processo de mestiçagem uma solução.

O mestiço, ou mulato, produto da relação de estupro do escravagista com a mulher negra escravizada, como bem situa Nascimento (2016), é vista como fator determinante para extinguir a figura do negro e seus descendentes na sociedade brasileira, como entende Oliveira Viana:

Não há perigo de que o problema negro venha a surgir no Brasil. Antes que pudesse surgir seria logo resolvido pelo amor. A miscigenação roubou o elemento negro de sua importância numérica, diluindo-o na população branca. Aqui o mulato, a começar da segunda geração, quer ser branco, e o homem branco (com rara exceção) acolhe-o, estima-o e aceita-o no seu meio. Como nos asseguram os etnológicos, e como pode ser confirmado à primeira vista, a mistura de raças é facilitada pela prevalência de "elementos superior". Por isso mesmo, mais cedo ou mais tarde, ela vai eliminar a raça negra daqui. É "óbvio que isso já começou a ocorrer. Quando a imigração, que julgo ser a primeira necessidade do Brasil, aumentar, irá, pela inevitável mistura, acelerar o processo de seleção". (VIANA, apud Skidmore, 1976, p.90)

A obra abaixo: A Redenção de Cam⁹ (1895) de Modesto Brocos é um exemplo icônico da visualização do projeto de branqueamento propagado no Brasil. Viana, ao defender a promoção de relações inter-raciais, idealizava uma progressiva diluição dos traços negroides ao longo das gerações, privilegiando e mantendo os traços considerados "superiores" dos brancos. Isso resultaria na supressão gradual da presença negra na sociedade brasileira. A representação pictórica da maldição de Cam na obra de Brocos reflete essa ideia de diluição e superioridade, sugerindo uma transição para uma suposta "pureza racial" através do apagamento gradativo das características consideradas não brancas. Este conceito embutido na obra de arte serviu como um veículo visual para a ideologia de branqueamento defendida por Viana e por muitos outros eugenistas na época, estabelecendo uma perspectiva de "progresso" social associado à eliminação da herança racial negra.

⁹ Nesta pintura, Brocos retrata um evento bíblico, a maldição de Cam, em que, segundo a tradição cristã, Cam, filho de Noé, foi amaldiçoado por seu pai após vê-lo nu e bêbado. A interpretação tradicional desse episódio foi usada para justificar a escravidão e a opressão racial, sugerindo que a maldição foi lançada sobre os descendentes de Cam, identificados como africanos, justificando assim a escravidão negra.

Figura 1 - A Redenção de Cam



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Redem%C3%A7%C3%A3o_de_Cam#/media/Ficheiro:Redem%C3%A7%C3%A3o.jpg, 2023.

Contudo, o branqueamento, como sugere Munanga (2020), não foi efetivado em sua concretude, ou seja, não conseguiu tornar toda a parcela de negros em brancos, fisicamente. Porém, teve sua realização no âmbito ideológico e formativo da identidade da população negra, cuja negação de se entender e (Re)afirmar enquanto negro, se torna presente em muitas das vezes.

O principal motivo que levou isso a ocorrer foi a somatória de acontecimentos políticos, econômicos e culturais durante toda a história da população negra no Brasil, sobretudo o uso perverso da ferramenta ideológica que foi o branqueamento. Utilizado para produzir uma suposta “superioridade” do branco em detrimento da inferioridade do negro, formando mecanismos de subalternização diante da própria construção subjetiva e positiva da sua imagem enquanto sujeito.

Com o propósito de reverter esse cenário, os movimentos negros, com destaque para o Movimento Negro Unificado (MNU), lançaram em 1991 a campanha

"Reaja à violência racial: Beije sua preta em praça pública". Essa iniciativa visava estimular conexões afetivas entre indivíduos negros, buscando resgatar uma união dentro da comunidade negra e, simultaneamente, denunciar as violências raciais que continuavam a ser perpetradas. Segue abaixo a imagem da capa do jornal do MNU.

Figura 2 - beije sua preta em praça pública



Fonte: <https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1249857929785806848>, 2023

A ausência de uma devolutiva efetiva do Estado brasileiro para a comunidade negra não se limita apenas à construção da imagem negativa, mas tem repercussões profundas nas condições socioeconômicas dos indivíduos até os dias atuais. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, a renda média dos brasileiros brancos atinge R\$ 3.099, valor que ultrapassa em 75,7% a média de R\$ 1.764 entre os pretos e em 70,8% a renda média de R\$ 1.814 dos trabalhadores pardos. Essa disparidade demonstra de forma inequívoca que a questão racial tem uma influência direta e significativa sobre a posição social e econômica de um indivíduo.

Portanto, a discussão racial é uma urgência inegável e não deve ser eclipsada por um discurso que foca exclusivamente nas diferenças de classe, negligenciando o papel crucial da raça como um determinante essencial da desigualdade.

Esse discurso que retoma o mito da democracia racial, contada por Gilberto Freyre, em sua obra: *Casa-grande & Senzala* (1933), é descrito por Gonzalez (2022, p.105) que “Freyre criou a mais formidável arma ideológica contra o negro.” utilizada para redirecionar o problema do Brasil e sua dívida com as e os ex-escravizados e seus descendentes.

Mesmo que a ideia de democracia racial tenha caído por terra durante todo esse tempo de pesquisa mergulhada nos estudos sobre o racismo presente no Brasil, por autores e autoras como: Lélia Gonzalez em sua obra *Lugar de Negro* (2022); Abdias Nascimento em *O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado* (2016); Sueli Carneiro em *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil* (2011); Kabengele Munanga em *Negritude: Usos e sentidos* (2019); Nilma Lino Gomes em *O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação* (2017); Silvio Almeida em *Racismo Estrutural* (2019) entre outras e outros, ainda se torna corriqueiro no uso político para argumentar contra a permanência e a implementação de políticas afirmativas, por exemplo, a adoção e a permanência de cotas raciais nas universidades públicas.

O MNU e outros movimentos para enfrentar esse discurso ideológico da branquitude¹⁰, tem como por objetivo fazer mobilização do grupo negro, para reivindicar seus direitos e sua posição política, porém o movimento se depara com problema da não identificação de alguns desses sujeitos como pertencente desse grupo racial. Isso se dá, segundo Munanga (2020, p.21) não pelo fato da “[...] incapacidade de natureza discursiva, organizacional ou outra.” do movimento negro, mas sim pelo longo processo ideológico de branqueamento.

¹⁰ Para Cida Bento (2022) refere-se ao conjunto de privilégios, poderes e representações associados à condição de pertencer à categoria racial branca em uma sociedade. Essa noção vai além da simples caracterização fenotípica, abarcando as estruturas de poder, privilégios e a forma como a branquitude é construída e vivenciada.

7.2 E agora...Falamos nós: Eduardo De Oliveira e Oliveira

De origem carioca, Eduardo de Oliveira e Oliveira, nasceu em 5 de julho de 1923 no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, foi o primogênito de Amélia de Oliveira e Silvino Isidoro de Oliveira. O seu pai, era estivador do Porto do Rio de Janeiro, e fazia parte enquanto líder do sindicato. Podemos pensar, se não é desde daqui que nasce as inspirações para Eduardo nos movimentos sociais, Trapp (2018).

De vez em quando, seu pai embarcava-o na limusine de seu uso e dava um passeio pelas docas, mostrava-lhe os estivadores que carregavam nas costas pesada sacaria e lhe fazia esta advertência: “Não se esqueça nunca de que o que você é e virá a ser deve a essa negrada”.

Sua mãe, Amélia de Oliveira, dedicou-se principalmente ao trabalho doméstico. Sabe-se que ela trabalhou na casa de uma família de um embaixador francês no Rio de Janeiro durante a década de 1920, Trapp (2018). Foi nesse ambiente que o jovem Eduardo cresceu, sendo criado como parte da família, e onde ele também teve a oportunidade de aprender a língua francesa. Segundo Trapp (2018), isso talvez provavelmente justifique seu domínio pelo idioma e a oportunidade de adentrar a uma educação elitista, mesmo sobre a sua condição enquanto negro. Abaixo, uma das poucas imagens que conseguir encontrar de Eduardo de Oliveira e Oliveira:

Figura 3: Eduardo de Oliveira e Oliveira



Fonte: <https://sbsociologia.com.br/project/eduardo-de-oliveira-e-oliveira/>, 2023

Em 1943, Eduardo de Oliveira e Oliveira matriculou-se na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, localizada no Rio de Janeiro, onde começou a estudar piano e canto, Santos e Junior Alves (2023). Em 1957, ele mudou-se para São Paulo. Durante esse período, ele também se envolveu em produções teatrais organizadas por um grupo de teatro franco-brasileiro, participando de peças em língua francesa, Santos e Junior Alves (2023).

No ano de 1960, Eduardo de Oliveira ingressou no curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), Trapp (2023). Sua formatura ocorreu em 1964, e ele teve o sociólogo Florestan Fernandes como paraninfo da turma. Notavelmente, a colação de grau ocorreu apenas oito dias antes do golpe militar no Brasil, Santos e Junior Alves (2023).

Em 1964 iniciou-se a ditadura militar no Brasil quando as Forças Armadas brasileiras depuseram o presidente democraticamente eleito João Goulart. Esse período se estendeu até meados dos anos 1980, caracterizado por um regime autoritário, marcado por restrições às liberdades civis, censura, perseguição política, tortura e violações dos direitos humanos. É nesse cenário que Eduardo de Oliveira e Oliveira se encontra e atuou promovendo atividades — a qual veremos no decorrer desse capítulo — que denunciava o racismo presente nas relações raciais vividas pela população negra.

Posteriormente, em 1966, Eduardo de Oliveira iniciou seus estudos de pós-graduação na mesma instituição, na área de Ciências Sociais. Durante essa etapa, concentrou-se em disciplinas relacionadas à sociologia do conhecimento e às interseções entre raça e classe social no contexto brasileiro, Trapp (2018). Além de sua formação, contribuiu com a tradução de obras do francês para o português, notavelmente "Estudos sobre o Homem e a Técnica" de Georges Friedmann e "As Américas Negras" de Roger Bastide, Santos e Junior Alves (2023).

A partir do ano de 1969, Eduardo de Oliveira e Oliveira expandiu sua participação política no contexto das questões raciais e no movimento negro. Durante esse período, ele desempenhou um papel fundamental na concepção do projeto denominado "Coral Crioulo", o qual teve como propósito a união de elementos culturais tanto afro-americanos quanto da literatura musical brasileira, visando a formação de um conjunto musical composto por jovens talentosos, totalizando 32 vozes, Santos e Junior Alves (2023).

Em 1971, Eduardo de Oliveira e Oliveira empreendeu a criação da peça teatral intitulada "E agora... falamos nós", coautoria com Thereza Santos¹¹, a qual foi apresentada com entusiasmo no prestigioso auditório do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand durante o período de novembro a dezembro daquele ano, Trapp (2018). Paralelamente, ambos autores conquistaram a posição de membros efetivos da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Vale notar, igualmente, que Eduardo de Oliveira e Oliveira e Thereza no mesmo ano, uniram esforços para fundar o influente Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), Santos e Junior Alves (2023). Nessa mesma conjuntura, Eduardo de Oliveira e Oliveira ingressou no Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros (GTPLUN), dedicado à exploração de temas essenciais, incluindo a formação intelectual visando à plena integração da população negra na sociedade paulista. Essas iniciativas revelam o comprometimento de Eduardo de Oliveira e Oliveira com a promoção da cultura negra e com a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, Santos e Junior Alves (2023).

¹¹Jaci dos Santos mais conhecida como Thereza Santos, (Rio de Janeiro, 7 de julho de 1930 — Guarapuava, 19 de dezembro de 2012) foi uma escritora, atriz, dramaturga, professora e ativista brasileira pelos direitos de mulheres e homens e pelo Movimento Negro no Brasil, por mais de 50 anos.

Em 1972, Eduardo de Oliveira e Oliveira direcionou sua energia para empreender pesquisas e conduzir trabalhos de campo, focalizando seu projeto no amplo âmbito das relações raciais e na complexa ideologia racial, Trapp (2020). Nesse período, ele se imergiu na aprendizagem ao frequentar cursos voltados aos estudos afro-americanos nas cidades de Nova York e Filadélfia, realizando visitas a diversas universidades nos Estados Unidos dedicadas às culturas negras, Trapp (2018). Adicionalmente, Eduardo de Oliveira e Oliveira complementou sua formação ao estagiar na Sorbonne, em Paris, centrando-se nas relações raciais. Além disso, expandiu suas investigações em institutos e museus localizados em Senegal e Londres, onde se concentrou na análise de documentação relacionada à história dos negros e à escravidão no contexto brasileiro. Essa etapa de sua trajetória segundo Santos e Junior Alves (2023), demonstra seu comprometimento com uma abordagem internacional e interdisciplinar para a compreensão das questões raciais.

Dando continuidade à sua pesquisa sobre questões históricas e identidade racial, Eduardo de Oliveira e Oliveira ingressa no programa de doutorado em 1975, Trapp (2021). Durante esse período, Trapp (2023) menciona seu papel ativo na realização de diversas conferências, onde atua como organizador e coordenador de vários eventos acadêmicos em São Paulo. Seu compromisso é promover a conscientização racial e o movimento negro nos ambientes acadêmicos. Entre os eventos estão a "Quinzena do Negro da USP" (1977) e a criação do "Centro de Estudos da Universidade Federal de São Carlos". Essas iniciativas enfatizaram temas como "Etnia e Compromisso Intelectual" e questões relacionadas à abolição da escravatura no Brasil. Na "Quinzena do Negro", Eduardo de Oliveira e Oliveira também se destacou ao organizar um evento especial sobre "A Representação do Negro no Cinema Brasileiro", que foi apresentado no Museu da Imagem e do Som (MIS). Essas atividades refletem seu compromisso com a promoção do diálogo acadêmico sobre questões raciais e a disseminação da cultura afro-brasileira, Trapp (2018).

Em 1977, o Departamento de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo realizou o notável documentário intitulado "O negro da senzala ao soul". A produção foi coordenada por Beatriz Nascimento e Eduardo de Oliveira e Oliveira, e teve como enfoque a apresentação de depoimentos de indivíduos negros, explorando as

influências da música soul norte-americana dos anos 1970, Trapp (2015). Além do samba, essas influências musicais estrangeiras desempenharam um papel fundamental no contexto das questões de orgulho e pertencimento, bem como na promoção do entendimento das histórias, da cultura e dos direitos raciais da comunidade negra. O documentário abordou uma série de temas essenciais, incluindo a reflexão sobre o significado da abolição da escravidão e o processo de integração que se seguiu, levantando questões pertinentes sobre a auto-organização e a liberdade dos quilombos, o papel da luta negra na abolição, bem como as influências da Revolução Haitiana e do movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, entre outros tópicos relevantes.

Em 1978, Eduardo de Oliveira e Oliveira passou pelo exame de qualificação de seu doutorado, embora não tenha concluído a defesa de sua tese que estava programada para o final de 1979, Trapp (2023). Durante esse período, além de sua participação em diversos eventos com foco em questões das minorias, tanto na Colômbia quanto na Argentina, Eduardo de Oliveira e Oliveira também tomou parte em reuniões promovidas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Santos e Junior Alves (2023). Ele desempenhou o papel de coordenador na mesa de discussões intitulada "Brasil Negro" e proferiu uma notável conferência com o título "De uma ciência para e não tanto sobre o negro", Trapp (2023). No ano subsequente, Eduardo apresentou um trabalho intitulado "Brasil, Abolição 90 anos, noventa e nove fora?". Além disso, ele desempenhou um papel ativo na organização da "Semana Zumbi" e realizou a curadoria da exposição chamada "Trabalho Escravo e Trabalho Livre" realizada no prestigiado Teatro Municipal de São Paulo, Santos e Junior Alves (2023). Essas atividades revelam o compromisso de Eduardo de Oliveira e Oliveira com a promoção da igualdade racial e com a disseminação do conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira.

No ano de 1979, Eduardo de Oliveira e Oliveira empreende uma jornada até as cidades de Cairo, Luxor e Assuan, no Egito, com o propósito de conduzir pesquisas relacionadas à temática da "negritude no mundo mediterrâneo", Trapp (2018). No entanto, lamentavelmente, sua viagem é abruptamente interrompida devido a problemas de saúde, que o levam a retornar a São Paulo em condições precárias. Subsequentemente, Eduardo de Oliveira e Oliveira é hospitalizado na

cidade de Itapira, situada no interior do estado de São Paulo. Tragicamente, ele veio a falecer no dia 20 de dezembro de 1980, com a idade de 57 anos. Sua passagem representa uma perda significativa no cenário acadêmico e no movimento negro, deixando um legado inestimável em suas contribuições para a compreensão das questões raciais no Brasil e no mundo, Trapp (2020).

O engajamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira não se limitou apenas à escrita; ele também desempenhou um papel ativo na organização de várias exposições. Entre essas exposições memoráveis, destacam-se a celebração do "80º Aniversário da Abolição da Escravidão Negra no Brasil", a realização da "I Semana Afro-Brasileira" e a exposição sobre a "Imprensa Negra de São Paulo entre 1920 e 1950", todas realizadas na Biblioteca Municipal de São Paulo. Adicionalmente, ele contribuiu para a exposição "África-Arte Negra" no Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo. A diversidade de suas atividades e seu compromisso com a promoção da cultura afro-brasileira e da história negra deixam um legado marcante na academia e na cultura brasileira, Trapp (2020).

7.3 O pardo/mulato: Um obstáculo epistemológico

O intelectual Eduardo de Oliveira e Oliveira desempenhou um papel de destaque no cenário acadêmico e cultural do Brasil. Sua contribuição abrangeu a publicação de alguns artigos em jornais e revistas de renome no país. Mas apesar da prolífica ação acadêmica e intelectual no Movimento Negro e na USP, não deixou à exceção do artigo ao qual talvez seja seu trabalho mais mencionado — um dos únicos inclusive que autor chegou a publicar como artigo, tenha sido a resenha intitulada: *O Mulato, um obstáculo epistemológico*¹², a qual faz uma crítica a obra de Cari Deegler: *Neither Black nor White: Slave and Race Relations in Brazil and the United States*, onde Eduardo, desmistifica a ideia criada sobre o papel social do “mulato” nas relações raciais no Brasil, peça fundamental nessa pesquisa ao qual nos debruçaremos para fazer uma análise.

¹² publicada em 1974 na revista *Argumento*.

Na primeira parte do texto, Eduardo de Oliveira e Oliveira (1974), examina as argumentações do então historiador norte-americano Cari Deegler, que se esforça para identificar as diferenças e semelhanças entre os processos de escravização no Brasil e nos Estados Unidos. O objetivo é compreender de que forma se manifestam as relações raciais que, aparentemente, se apresentam de maneira mais "harmoniosa" no contexto brasileiro, com a intenção de encontrar insights que possam contribuir para solucionar os problemas raciais nos Estados Unidos. Inicialmente, Eduardo de Oliveira e Oliveira aponta as contradições existentes nas argumentações de Deegler e chama a atenção para a ambivalência demonstrada pelo autor, que ora se apoia em argumentos racionais, ora se deixa guiar pela emoção em suas análises, Oliveira (1974).

Eduardo de Oliveira e Oliveira (1974), menciona as pesquisas feitas já pelo projeto da UNESCO entre anos de 1950, a qual Florestan Fernandes estava à frente. O projeto foi nada menos do que uma forte iniciativa acadêmica significativa que teve como objetivo investigar e avaliar a suposta "democracia racial" brasileira. A ideia de democracia racial sustentava que o Brasil era uma sociedade onde as diferentes entre os grupos raciais conviviam em harmonia e igualdade, sem a presença de preconceito racial, ao contrário de outros países com históricos de segregação racial, como os Estados Unidos e África do Sul, além da recente ideologia racista pregada pelo nazismo na Segunda Guerra Mundial, Trapp (2018).

No entanto, essa visão da democracia racial estava em contraste com a realidade vivida por muitos afro-brasileiros, que enfrentavam discriminação, desigualdades socioeconômicas e exclusão social. O projeto da UNESCO surgiu como uma resposta a essas contradições e buscava analisar empiricamente as relações raciais no Brasil. não apenas questionaram a ideia de democracia racial, mas também identificaram as profundas desigualdades raciais no país, Campos (2013). Os resultados demonstraram que o Brasil era uma sociedade racialmente estratificada, na qual os afro-brasileiros enfrentavam barreiras econômicas, sociais e educacionais significativas, Campos (2013).

Cari Deegler prossegue ao destacar uma diferença inicial que se manifesta na esfera "afetiva" entre alguns homens brancos e suas escravizadas, exemplificada pelo uso da expressão "minha nega" que, por vezes, era utilizada tanto para se

referir às esposas quanto às amantes brancas desses homens. Além dos argumentos apresentados por Eduardo de Oliveira e Oliveira, bem como a análise feita por Abdias Nascimento em seu capítulo intitulado "Exploração Sexual da Mulher Africana," a poesia de Elisa Lucinda, *Mulata Exportação*, seria mais do que suficiente para exemplificar a relação entre a mulher preta e o benfeitor, e suas mais "belas expressões" para com esta mesmas. Ao qual aqui deixo um trecho:

Mas que nega linda. E de olho verde ainda. Olho de veneno e açúcar! Vem nega, vem ser minha desculpa. Vem que aqui dentro ainda te cabe. Vem ser meu álibi, minha bela conduta. Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar! Vem nega, sem eu ter que fazer nada...Vem sem ter que me mexer. Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer. Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem negra, me ama, me colore. Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê. Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar. Já preso esse ex-feitor, eu disse: "Seu delegado..." E o delegado piscou. Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena com cela especial por ser esse branco intelectual... Eu disse: "Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio nada disso se cura trepando com uma escura!" Ó minha máxima lei, deixai de asneira. Não vai ser um branco mal resolvido. Que vai libertar uma negra: Esse branco ardido está fadado porque não é com lábia de pseudo-oprimido que vai aliviar seu passado. Olha aqui meu senhor: Eu me lembro da senzala. E tu te lembrás da Casa-Grande E vamos juntos escrever sinceramente outra história. Meu nojo! Meu engodo cultural! Minha lavagem de lata! Porque deixar de ser racista, meu amor, Não é comer uma mulata! (GEMA UFPE, 2018)

O autor, Cari Deegle, ainda utiliza de alguns outros argumentos para notar de que forma se dá a diferença das relações raciais norte-americano e brasileira. A primeira vimos anteriormente, mas acrescenta também, a não segregação racial efetivada por políticas governamentais. De fato, o Brasil estava mais preocupado em adotar a ideia da mistura, da mestiçagem, mas mesmo que por hora não tivéssemos políticas explicitamente de segregação, por outro tínhamos políticas que não condicionava a massa da população negra ocupar os mesmos espaços de privilégio e representação política, sobre a máscara de uma desigualdade econômica e não racial, (Gonzales, 2022).

Cari Deegle usa-se frequentemente o argumento da presença de uma narrativa positiva sobre negros na literatura, música, culinária e futebol como uma defesa da suposta harmonia racial no Brasil. No entanto, essa representação positiva frequentemente se restringe a estereótipos, muitas vezes associados a figuras notáveis conhecidas como "pretos ilustres", (Oliveira,1974). Esse argumento também se aplica à menção da presença de negros no exército português, embora

tal participação tenha sido mais um resultado de circunstâncias do que de uma ideologia inclusiva, (Oliveira, 1974). Possivelmente, essa participação não teve um impacto tão significativo na integração dos negros durante o período colonial, e muito menos no pós-colonial.

O autor ainda busca tenta se manter fielmente pregado numa relação mais afetiva e íntima entre o homem branco colonizador e a mulher africana escravizada, talvez aspirante da fábula que Gilberto Freyre escreveu, em *Casa Grande & Senzala* (1933). Pois para Abdias Nascimento:

“Esta realidade social é oposta à prevalecente ideia de que a formação do Brasil se verificou obedecendo a um processo integrativo imune de qualquer preconceito; tira a máscara do português e do brasileiro “branco” isentos de procedimentos racistas. Liquidada certos argumentos considerando que aquela ausência de preconceito teria permitido ao colonizador engajar-se numa saudável interação sexual com a mulher negra: não só brasileiros, como latino-americanos.” (Nascimento, 2016 p.74)

Mas por fim ele chega no ponto central da diferença entre as relações raciais, que é a existência do mulato, figura essa, que tem por origem semântica, uma conotação pejorativa, e nessa carrega o símbolo da ambiguidade racial do Brasil. Pois o mulato, ou mestiço, não é branco o suficiente a ser reconhecido por esse grupo e não se sente pertencente a outro grupo, negro. Afinal, o autor entendi que essa figura ocupa um lugar especial nas relações raciais no Brasil.

Para Eduardo de Oliveira e Oliveira (1974), as relações raciais no Brasil têm por definição que são constituídas de posições polares, entre brancos e negros, porém sendo essas não antagônicas, onde a principal relação se dá pela coesão de um grupo sobre outro, no caso o grupo branco em sobreposição ao grupo não-branco.

Eduardo de Oliveira e Oliveira (1974) sugere uma releitura do sentido do termo *mulato escape hatch*, de vez se lê válvula de escape, poderia ser também entendido como armadilha de alçapão, ou seja, o sujeito mulato está muito mais de encontro com o racismo de que ao encontro com a branquidão. Assim para Eduardo, a figura do mulato não transita tanto entre dois polos raciais, nem como mediador e muito menos como solução dessas relações, pelo contrário, ela seria o próprio obstáculo na construção identitária e ideológica da negritude, ao qual ambiguidade

racial e procura pelo branqueamento, dividiu e fragilizou uma identidade negra coletiva (Munanga, 2020).

Atualmente, a ideia de uma nação mestiça, onde no ditado popular “não existe branco e nem preto aqui”, a figura do mulato foi atualizada para a figura do pardo a qual está tem por vez o mesmo papel do mulato. para Schwarcz (2012) essa surgiu como uma verdadeira “sobra do censo”, uma categoria criada por não saber dar conta, talvez, do extenso *spectrum* de cores da população brasileira. Sueli Carneiro (2011), identifica que tal terminologia é utilizada para abarcar todas as expressões como: moreno-escuro, moreno-claro, moreno-jambo, marrom-bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzo, a qual as pessoas negras e seus descendentes mestiços se identificam ou são identificados. Apontando que:

Talvez o termo “pardo” se preste apenas a agregar os que, por terem sua identidade étnica e racial destroçada pelo racismo, pela discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são ou, simplesmente, não desejam ser o que são. (Carneiro, 2011, p.62)

Podemos concluir, ou melhor, refletir se a mudança de uma categoria para outra Mulato para Pardo, ela continuou sendo atribuída dos mesmos valores passado, de uma identidade que sugere não haver desigualdade racial baseada na cor, ou se essa figura é banhada por outras narrativas nacionalistas ou mesmo instrumentalizada individualmente para interesses, no que tange a reserva de vagas por cotas raciais no ensino superior ou cargos públicos. No mais, aparenta que estamos de ante de um novo-antigo obstáculo.

8 METODOLOGIA

A priori, devo apontar que a metodologia desta pesquisa apresenta uma limitação devido à indisponibilidade de acesso ao Inventário analítico da coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira¹³, que se encontra no Arquivo de História Contemporânea da UFSCAR. Dessa forma, a pesquisa se concentra na análise em um caráter qualitativo e detalhada no estudo aprofundado das obras mais acessíveis e pertinentes do autor, em particular seu texto "O Mulato: Um Obstáculo Epistemológico". Para Elaine Guerra:

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, temos os seguintes elementos fundamentais em um processo de investigação: 1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; 2) o registro de dados ou informações coletadas; 3) a interpretação/ explicação do pesquisador. (Guerra, 2014, p. 11).

Além disso, será incluída a pesquisa o documentário "O Negro da Senzala ao Soul" e o filme "Ôrí"¹⁴, que também apresenta o intelectual Eduardo de Oliveira e Oliveira visualmente e alguns trechos importantes para análise de seu discurso sobre as relações raciais no seu tempo. Essa pesquisa então tem como delineamento uma pesquisa documental, para Gil (2008) uma abordagem valiosa para explorar informações existentes e especialmente útil para investigar tópicos que envolvem análise dos documentos aqui já citados.

¹³ “[...] publicado em 1984 pela Editora da UFSCAR, com patrocínio do governo do Estado de São Paulo. Trata-se do inventário feito a partir do espólio material dos livros, artigos, cartas, fotografias, fragmentos da tese (não defendida) em sociologia na USP, entre outros documentos de Eduardo, doados pela família à UFSCAR em 1982. O Inventário reúne os mais de 2200 itens do acervo de Eduardo, que documentam a maior parte de sua trajetória intelectual” (TRAPP, 2015, p.6).

¹⁴ O documentário "Ôrí" registra os movimentos negros brasileiros de 1977 a 1988, explorando as conexões entre o Brasil e a África. Sua narrativa centraliza-se na concepção do quilombo como um ponto fulcral de uma trajetória histórica contínua, utilizando a história pessoal de Beatriz Nascimento como elemento condutor. Beatriz, uma historiadora e ativista negra, faleceu precocemente no Rio de Janeiro, em 1995, e sua jornada pessoal se entrelaça com a narrativa do documentário, destacando sua influência nos movimentos e na militância negra no Brasil.

Juntamente com a pesquisa documental, uma pesquisa bibliográfica, e por mais que elas sejam semelhantes, ela vai nos propor um apanhado mais geral, Gil (2008), para complementar o entendimento das ideias e perspectivas de Eduardo de Oliveira e Oliveira, se baseando na produção acadêmica e literária de outros autores e autoras que exploraram e discutiram o trabalho do sociólogo, ou seja, fazer apanhado de um arcabouço teórico já produzido. Especial atenção será dada ao trabalho de Rafael Petry Trapp, que oferece insights valiosos relacionados à trajetória e ao pensamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira.

Portanto, apesar das limitações inerentes à falta de acesso à coleção completa de obras do autor, esta pesquisa buscará fornecer uma análise abrangente e contextualizada das contribuições de Eduardo de Oliveira e Oliveira para o debate sobre as relações raciais no Brasil, apoiada na pesquisa de fontes disponíveis e na produção intelectual de outros e outras estudiosas que se debruçaram sobre sua obra e trajetória.

Ademais, é importante destacar que, no decorrer desta pesquisa, minha intenção não é meramente servir como um veículo para a representação das ideias de Eduardo de Oliveira e Oliveira, nem tampouco limitar-me a ser um mero interlocutor desprovido de envolvimento emocional, sensibilidade e reflexão em relação a sua própria realidade e contexto. Minha abordagem, em grande medida, alinha-se com a perspectiva de Alex Ratts, particularmente no que concerne à pesquisa sobre a vida e trajetória de figuras negras, em que a empatia e a compreensão das complexidades da experiência racial desempenham um papel fundamental. Este enfoque difere, propositadamente, das abordagens metodológicas de outros autores, nas quais optei por não me aprofundar, priorizando uma perspectiva que valoriza a empatia e o engajamento emocional na busca por uma compreensão mais completa da narrativa de Eduardo de Oliveira e Oliveira. Como assim faz Alex Ratts:

Ao aproximar-me da trajetória de Beatriz, que em parte é a minha, comprometo este livro de maneira inequívoca e nele ponho razões e emoções, sem dicotomizá-las. Muitas vezes me pego diante de uma fotografia sua como se fosse um espelho, embora ele não reflita a minha imagem. Não nego que às vezes verto uma lágrima que turva a imagem vista. (Ratts, 2006, p.20)

Portanto, propomos a adoção da construção de um novo método analítico que será desenvolvido ao longo da própria pesquisa, direcionando nossa análise para três dimensões essenciais: a teórica, a política e a afetiva. Essa abordagem metodológica inicialmente encontrou inspiração em uma live realizada pela professora Vera Rodrigues¹⁵ durante o período de pandemia, intitulada "I Ciclo de Debates Linguagem e Colonialidade: raça e interseccionalidades". Esse evento serviu de base para o desenvolvimento do texto intitulado "Quando a mulher negra fala: afeto, teoria e política em (des)construção", no qual a professora Vera discute a importância da consideração dessas três dimensões em sua análise.

Eu insiro cada uma dessas vozes femininas e negras de forma inter cruzada como numa encruzilhada: o afeto, a teoria e a política. E porque isso é importante, podemos nos perguntar? Será por que "Nossos passos vêm de longe"? ou "Quem sabe de onde veio, sabe para onde vai"? ou ainda porque "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela", como nos diz Angela Davis filósofa e ativista afro-americana. (Rodrigues, 2020, s/p)

Milton Santos (2013) enfatiza a necessidade contínua de revisitar e, quando apropriado, atualizar a metodologia que aplicamos em nossas pesquisas, pois, sem essa flexibilidade metodológica, corremos o risco de perder a capacidade de analisar de forma eficaz a dinâmica de nossa realidade. Acrescenta:

Os documentos, sejam eles oficiais ou não, sejam eles cifras, não falam por si sós. Se quisermos tirar partido deles mediante uma análise, é necessário primeiro poder manejá-los na posse de uma metodologia. É por isso que as mesmas estatísticas nada dizem para alguns, enquanto para outros constituem uma fonte inexaurível de conhecimento e renovação. (Santos, 2013, p.6)

Portanto, é neste ponto de confluência, ou, encruzilhada fêmea, que abrimos a possibilidade de numa abordagem de empreender uma pesquisa que, embora embasada em sólidos fundamentos teóricos, não negligencia a dimensão afetiva. Essa abordagem conjunta nos possibilita contemplar de forma mais abrangente e enriquecedora a análise política de nossa própria experiência do vivido.

¹⁵ Doutora em Antropologia Social pela USP - Universidade de São Paulo (2012), Professora associada no Instituto de Humanidades da UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Vice-coordenadora no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC-UNILAB. Coordenadora do projeto de extensão "Mulheres Negras Resistem: processo formativo teórico-político para mulheres negras".

10 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites — século XIX. Rio de Janeiro: Annablume, 2004.

BENTO, M. A. S O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAMPOS, L. A. O pardo como dilema Político. Insignh Inteligência, out./dez., 2013. p. 80 – 91.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. 1. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011. 192 p.

CENSO DEMOGRAFICO, ibge.gov.br, 2022. Disponível em:<<https://encurtador.com.br/yMV59>>. Acesso em 19 de setembro de 2023.

Hasenbalg, Carlos e Silva, Nelson do Valle (1988). Estrutura social, mobilidade e raça. Rio de Janeiro: IUPERJ.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008. 200 p.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. 144 p.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. Manual de pesquisas qualitativas. Anima Educação, Belo Horizonte, 2014. Disponível em:<<https://abre.ai/hdLc>>. Acesso em 30 de out, 2023.

MUNANGA, Kabenguele. Negritude: Usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 96 p.

MUNANGA, Kabenguele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.152 p.

MUANANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Inclusão Social: um debate necessário? [S.l.: s.n.]. Disponível em:<<https://abre.ai/hdLg>>. Acesso em: 30 out. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 229 p.

SANTOS, Mariana da Silva Correa dos; ALVES JUNIOR, José Carlos. Coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira. **Unidade Especial de informação e Memória**, [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://abre.ai/hdLh>>.. Acesso em: 30 out. 2023.

SANTOS, Milton. O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.136 p.

SANTOS, Neusa Sousa. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 176 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco muito pelo contrário. São Paulo: Claro Enigma, 2012. 152 p.

PRIOLLI NETO, Gabriel. o negro da senzala ao soul (1977). YouTube, 3 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://abre.ai/hdLi>>. Acesso em: 29 de out de 2023.

Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (organizadoras). 6. ed. - Petrópolis: Vozes, 2014.192p.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. 1. ed. São Paulo: IMPRENSA OFICIAL, 2006.136 p.

RODRIGUES, Vera. QUANDO A MULHER NEGRA FALA: AFETO, TEORIA E POLÍTICA EM (DES)CONSTRUÇÃO. PenseHumanas, 2020. Disponível em:<<https://abre.ai/hdLj>>. Acesso em: 29 out. 2023.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira. O mulato, um obstáculo epistemológico. Revista Argumento, São Paulo, ano I, n. 3, jan. 1974, p. 65-73.

TRAPP, Rafael Petry. Eduardo de Oliveira e Oliveira. Sociedade Brasileira de Sociologia, Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em: <<https://abre.ai/hdLk>>. Acesso em: 29, out de 2023.

TRAPP, Rafael Petry. Intelectuais negros no brasil: uma proposta de análise a partir de Eduardo de oliveira e oliveira. Caderno de Resumos / 7º encontro de liberdade e escravidão no brasil meridional, Curitiba, p. 1-16, maio, 2015.

TRAPP, Rafael Petry. O elefante negro: Eduardo de Oliveira e Oliveira: raça e pensamento social no Brasil. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2020. 336 p.

TRAPP, Rafael Petry. O Elefante Negro: Eduardo de Oliveira e Oliveira, raça e pensamento social no Brasil (São Paulo, década de 1970). Tese (Doutorado em história social) – Universidade Federal Fluminense Instituto de história. Niterói, p. 263. 2018

UECE, GEDIRG. Dra. Vera Rodrigues - Quando a mulher negra fala: afeto, teoria e política em (des)construção. YouTube, 2 de maio, de 2020. Disponível em: <<https://abre.ai/hdLl>>. Acesso em: 29 de out, 2023.

UFPE, Gema. Elisa Lucinda - Mulata exportação. YouTube, 16 mar de 2018. Disponível em: < <https://abre.ai/hdLn>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.